

## **BRINQUEDOTECA EM CASA: AS AÇÕES PEDAGÓGICAS NA BRINCADEIRA DA CRIANÇA COM AUTISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA.**

Fabiana Zanol Araújo, Centro de Educação Física e Desportos – Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES)<sup>1</sup>

José Francisco Chicon, Centro de Educação Física e Desportos – Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES)<sup>2</sup>

Flaviane Lopes Siqueira Salles, Centro de Educação Física e Desportos – Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES)<sup>3</sup>

Gabriela Vilhena Muraca, Centro de Educação Física e Desportos – Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES)<sup>4</sup>

Maria das Graças Carvalho Silva de Sá, Centro de Educação Física e Desportos – Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES)<sup>5</sup>

**Eixo Temático 6:** Processos de aprendizagem e desenvolvimento e práticas pedagógicas na perspectiva da inclusão escolar.

### **RESUMO**

Este estudo tem por objetivo analisar a proposta pedagógica de ensino-aprendizagem remoto temporário e emergencial (Earte), organizada pela equipe de trabalho do Laboratório de Educação Física Adaptada (Laefa), do Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES) para ser desenvolvida pelos familiares das crianças com autismo em casa. É uma pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória. Os participantes do estudo foram um professor coordenador, uma professora gestora, quatro professoras colaboradoras externas, quatro acadêmicos do Curso de Educação Física, que planejavam, executavam e avaliavam o Earte, integrando a equipe de trabalho. Além dos integrantes da equipe de trabalho, foram participantes neste estudo 20 familiares e seus/suas filhos/as com autismo matriculados/as no projeto. Como resultados, a equipe de trabalho, ao mesmo tempo em que criou condições para as famílias realizarem a brincadeira em casa, também incentivou os pais a brincarem junto, realizando ações lúdicas para as crianças e com as crianças, participando do processo formativo com os vídeos de orientação dos principais conceitos desencadeados durante o brincar, delineando situações que lhe permitam alargar o repertório de experiências brincantes, desenvolvendo o aprendizado por parte dos familiares para se tornarem brinquedistas. Além disso, toda essa experiência se materializou na organização de um E-book: Aprender brincando: caderno de fundamentos e atividades lúdicas inclusivas para crianças de 3 a 6 anos. Assim, devemos reconhecer que mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia, é possível promover a brincadeira em casa, desde que os adultos que convivem com a criança se tornem os brinquedistas, como foi a proposta do trabalho desenvolvido neste estudo.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação Física. E-mail: [f.zanol4@gmail.com](mailto:f.zanol4@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Educação. E-mail: [chiconjf@yahoo.com.br](mailto:chiconjf@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Mestra em Educação Física. E-mail: [flsalles25@gmail.com](mailto:flsalles25@gmail.com)

<sup>4</sup> Professora de Educação Física. E-mail: [biamuraca@gmail.com](mailto:biamuraca@gmail.com)

<sup>5</sup> Pós- Doutora em Educação especial. E-mail: [mgracasilvasa@gmail.com](mailto:mgracasilvasa@gmail.com)

PALAVRAS-CHAVE: Brincar; Ensino Remoto; Autismo.

## **INTRODUÇÃO**

Ainda no final de 2019, a humanidade presenciou o surgimento de uma doença infecciosa respiratória aguda grave (COVID-19), que se espalhou rapidamente, tornando-se altamente transmissível entre seres humanos, necessitando de isolamento social de toda população. Essa alteração de rotina pode causar muito estresse, inclusive para as crianças com autismo, que segundo Oliveira (2015), Araújo; Chicon (2020) e Salles; Chicon (2020), apresentam em comum, dificuldades na interação social, na comunicação e um repertório restrito de atividades e interesses. Contudo, esses autores são otimistas em afirmar avanços significativos nesse comportamento, quando esses indivíduos são colocados em um ambiente social acolhedor em que as pessoas acreditam no potencial humano.

Nesse sentido, o Laboratório de Educação Física Adaptada do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (Laefa-Cefd-Ufes), por meio do projeto de extensão “Brinquedoteca: aprender brincando”, vem, desde 2009, se configurando esse espaço significativo de intervenção pedagógica, formação profissional e de pesquisa no atendimento educacional de crianças com autismo em processo de inclusão.

Nesse projeto, propostas de atividades lúdicas eram desenvolvidas presencialmente com 60 crianças, de ambos os sexos, com idades de três a seis anos, 40 do Centro de Educação Infantil Criarte/Ufes (CEI — grupos quatro e cinco anos) e 20 com autismo, oriundas do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil de Vitória e Serra (CAPSi-Vitória e Serra), Associação dos Amigos dos Autistas do Espírito Santo (Amaes) e comunidade. Essas crianças eram atendidas juntas, no mesmo espaço-tempo de interação, constituindo turmas inclusivas, no seguinte esquema: grupo quatro anos do CEI dividido em duas turmas de dez, uma era dirigida para a proposta pedagógica na brinquedoteca e a outra para a proposta da ginástica. Nessas turmas eram incluídas cinco crianças com autismo em cada, compondo duas turmas de 15 alunos. Os encontros eram realizados durante uma hora, duas vezes por semana.

O processo de planejamento, execução e avaliação das aulas era realizado por uma equipe de trabalho composta por um professor coordenador, uma professora gestora do projeto, duas professoras colaboradoras externas, quatro bolsistas e 16 estagiários do Curso de Educação Física da Ufes (esses últimos eram divididos nos dois dias de atendimento). Todas as aulas envolviam roda de conversa, atividade planejada para exploração de brinquedos e brincadeiras e roda de conversa final.

As crianças com autismo eram sempre acompanhadas por um(a) estagiário (a) na realização das atividades denominado brinquedista, que atuava compartilhando a brincadeira, incentivando, orientando, atendendo seus interesses e necessidades individuais e coletivas. Posteriormente ao momento de atendimento a equipe de trabalho se reunia para avaliação, estudo e planejamento das aulas seguintes.

No entanto, a partir de março de 2020, em decorrência da disseminação da covid-19, as aulas presenciais na universidade foram suspensas e a equipe de trabalho foi desafiada a adotar o ensino-aprendizagem remoto temporário e emergencial (Earte), no atendimento as crianças com e sem autismo no projeto de extensão.

Contudo, perguntamos: como passar do atendimento de ensino presencial para o ensino remoto? Como as ações pedagógicas desenvolvidas para o modo presencial de ensino com as crianças atendidas no projeto foram reorganizadas e efetivadas pela equipe de trabalho, para o modo de ensino remoto?

Em frente a essa situação problema, este estudo tem por objetivo analisar a proposta pedagógica de ensino-aprendizagem remoto temporário e emergencial (Earte), organizada pela equipe de trabalho do Laefa, para ser desenvolvida pelos familiares das crianças com autismo em casa.

## **METODOLOGIA**

O estudo em tela possui caráter qualitativo, descritivo e exploratório. Para Lüdke e André (2013) a pesquisa qualitativa descritiva e exploratória tem no pesquisador seu principal instrumento de busca de informações. No que tange aos dados coletados, eles são predominantemente descritivos, isto é, ricos em transcrições de pessoas, situações, acontecimentos, entrevistas, depoimentos, as

quais subsidiarão os esclarecimentos dos pontos de vista. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito envolvendo um levantamento bibliográfico, entrevistas com os sujeitos e análise das questões que estimulem a compreensão do problema elencado (GIL, 1994).

### **Os participantes da pesquisa**

Os participantes do estudo foram um professor coordenador, uma professora gestora, quatro professoras colaboradoras externas, quatro acadêmicos do Curso de Educação Física, que planejavam, executavam e avaliavam o Earte, integrando a equipe de trabalho. Além dos integrantes da equipe de trabalho, foram participantes neste estudo 20 familiares e seus/suas filhos/as com autismo matriculados/as no projeto. Os familiares tinham idades que variavam de 25 a 55 anos e as crianças idades de 3 a 6 anos, oriundos do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil de Vitória e Serra (CAPSi-Vitória e Serra), Associação dos Amigos dos Autistas (Amaes) e comunidade. Por razão de delimitação, as 40 crianças do CEI Criarte Ufes e seus familiares, mesmo integrando o processo de intervenção pedagógica, não foram incluídos no estudo.

Cabe informar que todos os cuidados éticos referentes a pesquisa com seres humanos foram tomados e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### **Produção dos dados**

Para a realização do Earte, foi criado um grupo no aplicativo de mensagens instantâneo *WhatsApp*, com o objetivo de manter a relação e comunicação de nossa equipe de trabalho com as famílias das crianças com autismo da comunidade externa à Ufes. A partir dessa iniciativa, passamos a planejar e produzir videoaulas, a serem postadas todas as terças-feiras, entre 8 e 18 horas, aos familiares nesse aplicativo e na página do *Facebook* do Laefa/Ufes, para que eles as desenvolvessem com seus/suas filhos/as, registrando-as por imagens (fotos e vídeos curtos) e postando de volta no grupo do *WhatsApp*, como forma de socialização, troca de experiência e *feedback* da mediação realizada.

As informações foram produzidas por meio de registros em diário de campo das reuniões de avaliação e planejamento coletivo-colaborativo, que ocorriam todas as terças feiras, das 14 às 17 horas; vídeos curtos de até dois minutos com as crianças realizando as atividades orientadas nas videoaulas que eram enviadas no aplicativo do *WhatsApp* semanalmente pela equipe de trabalho para os familiares; comentários dos familiares e do coordenador do projeto no grupo de *WhatsApp*; e grupo focal, com a participação de quatro familiares de crianças com autismo, que demonstraram durante o processo de intervenção pedagógica, mais envolvimento na realização das brincadeiras encaminhadas, comentários no grupo social, postagem de vídeos e fotos das atividades realizadas com os/as filhos/as em casa.

### **A PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM REMOTO DAS CRIANÇAS COM AUTISMO EM CASA**

As videoaulas foram organizadas com base nos conteúdos e objetivos propostos para o ano de 2020 (ginástica geral e esportes com bola). As atividades eram elaboradas utilizando como estratégia de ensino a técnica de ginástica historiada, que consistia em elaborar um roteiro referente a uma história do universo infantil, por exemplo, Peter Pan e o Capitão Gancho. Inicia-se a contação da história levando os alunos ao imaginário, passando por estações — locais com atividades organizadas para eles, por exemplo: realizam rolamentos, para entrar no barco do Capitão Gancho e na outra estação, recebem espadas confeccionadas com jornal, para travar uma batalha com os piratas, e assim sucessivamente, explorando os conteúdos de forma lúdica, dando sentido/significado às ações. Para cada aula, organizamos uma história diferente ou incrementamos a história já realizada. Essa estratégia possibilitou explorar e desenvolver na criança a linguagem, expressão, comunicação, imaginação, criatividade e movimentos variados e lúdicos, dando sentido/significado às suas ações na brincadeira.

Somado a isso, há o momento da confecção dos materiais com a criança para produção do ambiente de brincadeira, momento em que eram trabalhadas as habilidades motoras finas, manipulativas, importantes para o desenvolvimento da escrita. Ainda, na execução da brincadeira, o aprendizado e desenvolvimento dos movimentos básicos de andar, correr, saltar, arremessar, equilibrar, manipular, subir, descer, rebater, chutar, receber a bola ou outro objeto lançado etc., com uso ou não

de aparelhos, ampliando as possibilidades de a criança sentir, pensar e agir no mundo.

Para finalização da aula, planejamos o momento festivo, com o tema explorando o universo da música, sempre apresentando para a criança um videoclipe com cantigas e imagens alusivas ao tema da aula. Nessa atividade, os familiares podiam explorar com as crianças a expressão corporal (imitar movimento dos personagens, dançar e o se-movimentar livre e dirigido) e a linguagem (conversar com as crianças sobre o tema presente na música, os personagens, objetos, lugares etc.; desenhar e pintar; cantar a música ou pequeno refrão).

Os familiares, ao receberem as videoaulas, organizavam-se no tempo-espço possível a cada um, para executar as brincadeiras estruturadas planejadas para as crianças, fazendo uso dos recursos materiais disponíveis em casa, confeccionando materiais junto com a criança. Com a brincadeira organizada, iniciavam a ação mediadora com a criança, sendo orientados a exercerem a função de brinquedistas, aqueles que compartilham da brincadeira com a criança, incentivando-a e ampliando suas possibilidades de sentir, pensar e agir na ação lúdica sugerida.

Na medida em que os familiares postavam no WhatsApp® o registro por imagem das atividades realizadas com as crianças, os coordenadores da equipe de trabalho realizavam comentários personalizados e gerais, visando orientar e potencializar a ação mediadora deles. Ademais, os integrantes da equipe de trabalho ficaram responsáveis em realizar a tutoria na orientação de três a quatro famílias, fazendo chamadas telefônicas pelo menos uma vez a cada quinze dias, dependendo da necessidade, com o objetivo de uma orientação e escuta sensível desses membros familiares, tornando mais humana nossa relação e reduzindo o estresse e a ansiedade deles. Além disso, vídeo-orientações eram disponibilizados aos familiares para melhor compreensão dos conteúdos trabalhados.

Os encontros da equipe de trabalho para planejamento, avaliação e estudos, ocorriam todas as terças-feiras, das 14 às 17 horas, realizados por meio de plataforma virtual (Google Meet®). Nas sextas-feiras, também das 14 às 17 horas, havia reunião de planejamento e grupo de estudos, versando sobre temas relacionados às práticas esportivas (ginástica geral e esportes com bola), à brincadeira e ao desenvolvimento infantil.

Os acadêmicos e as colaboradoras externas participantes do projeto atuaram da seguinte forma: no planejamento, avaliação, organização das videoaulas e postagem aos familiares, por meio das redes sociais WhatsApp® e Facebook®; na orientação dos familiares pela rede social do WhatsApp® e por chamadas telefônicas sobre as brincadeiras desenvolvidas com seus filhos/as; no estudo e elaboração de texto síntese e organização de vídeo curto, com fundamentos teóricos sobre a brincadeira e a mediação pedagógica, com objetivo de dar formação aos familiares para exercer o papel de brinquedista junto à criança; na indicação, leitura crítica, fichamento e discussão de texto científico em grupo de estudo; nas reuniões da equipe de trabalho (planejamento coletivo colaborativo) e no registro das informações para o relatório de extensão.

A prática pedagógica foi desenvolvida com base na abordagem crítico- -superadora (SOARES et al., 1992) e no trabalho de orientação às práticas inclusivas em Educação Física desenvolvidas por Chicon (2005, 2013, 2020), em relação aos procedimentos de organização, planejamento, avaliação, fundamentação e execução das aulas.

### **A ação da equipe de trabalho no planejamento, avaliação e produção da videoaula**

Essa ação foi muito desafiadora pois, a equipe de trabalho teria que realizar uma proposta para as crianças realizarem em casa, e as famílias teriam que se tornar os brinquedistas com seus filhos/as. Portanto, as famílias teriam que mediar o conteúdo, a atividade, o movimento lúdico com as crianças e brincar junto, de acordo com as possibilidades de cada grupo familiar.

Para a organização das videoaulas, a equipe de trabalho se reunia de forma *online* para realizar o planejamento da atividade que seria postada no aplicativo de *WhatsApp* do grupo dos familiares e na página do *Facebook* do Laefa na semana seguinte. Sempre alternando os componentes da equipe de trabalho que se organizavam por duplas, ou seja, a cada semana, uma dupla da equipe de trabalho era responsável por trazer uma proposta de atividade que seria reorganizada durante o planejamento coletivo, como podemos observar na fala de um dos componentes da equipe de trabalho:

O planejamento coletivo fez a total diferença, a partir do momento em que reúne os bolsistas, professor-coordenador, a professora responsável e além disso professores externos, a aula teve uma outra dimensão. Por conta de que a gente teve vários olhares, várias pessoas contribuindo e interferindo para melhorar o atendimento, melhorar o material que era enviado para os pais (Grupo focal: Tiago – bolsista, 4-11-2020).

Assim, uma “tempestade de ideias” dos participantes da equipe de trabalho era realizada no início da reunião de planejamento, com sugestões de atividade a serem realizadas pelas crianças com a mediação dos familiares. Na busca de executar na brincadeira, o aprendizado e desenvolvimento dos movimentos básicos de andar, correr, saltar, arremessar, equilibrar, manipular, subir, descer, rebater, chutar, receber a bola ou outro objeto lançado etc., a organização ia ao encontro com a proposta trazida pela dupla selecionada para elaboração do vídeo e assim, o planejamento ia ganhando forma e a atividade ficava mais atrativa.

Assim, para a realização das brincadeiras propostas nas videoaulas, os familiares deveriam receber as videoaulas, e compreender que deviam assumir o papel de brinquedistas, possibilitando a criança o momento divertido e de aprendizagens propostos nas atividades.

Portanto, o planejamento e a produção das videoaulas pela equipe de trabalho se configurava, principalmente com participação coletiva e colaborativa realizados nos planejamentos semanalmente, de forma que, “do ponto de vista da psicologia histórico-cultural, a intervenção educativa assume grande importância no processo de desenvolvimento humano e, conseqüentemente, no desenvolvimento da criança, apontando caminhos e permitindo que ela internalize novos conceitos” (CHICON; SÁ; MURACA, 2021, p. 39).

Para Vigotski (2007), o adulto é figura essencial para o desenvolvimento da criança com e sem deficiência/autismo por representar um elo intermediário entre a criança e o conhecimento disponível no ambiente. Para o autor, a aprendizagem é uma atividade conjunta, em que relações colaborativas entre adultos e criança ou entre crianças, podem e devem ter espaço. Em se tratando de crianças com deficiência, “A mediação pedagógica deve ser capaz de promover o desenvolvimento infantil pautado na preocupação de criar condições favoráveis para a superação de obstáculos impostos pela deficiência” (SALLES; CHICON, 2020, p. 38). Nesse sentido, não só a criança aprende e se desenvolve através da atividade

proposta, como também toda a equipe de trabalho e os familiares aprendem juntos. Nesse contexto, a valorização dialógica entre familiares, a equipe de trabalho e as crianças foi muito relevante no sentido da busca pelos interesses, possibilidades e expectativas dos participantes em relação a continuidade do projeto e no aprimoramento da elaboração, do planejamento e da produção das videoaulas.

### **Ressignificando a brincadeira em casa**

A equipe de trabalho ao fazer a postagem da videoaula para a semana no aplicativo, para os familiares realizarem com os filhos em casa, aguardava alguns dias o retorno dos familiares com registro por imagens (fotos e vídeos curtos) como forma de socialização, troca de experiência e feedback da atividade realizada. A equipe de trabalho seguia buscando incentivar as postagens, comentando no grupo do WhatsApp, pois, quando os pais retornavam com imagens, filmagens ou comentários, aumentava o desejo da equipe continuar criando, elaborando, pesquisando, planejando, organizando e estudando outras/novas atividades e maneiras de continuar com as famílias e com seus filhos.

Para Chicon, Sá e Muraca (2021) os familiares e a equipe de trabalho constituíam-se como sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, atentando para as diferentes linguagens expressadas pelas crianças. Nessa perspectiva, esse trabalho foi também, colaborativo, pois envolveu os familiares, os responsáveis, que eram a ponte entre o que foi planejado pela equipe e o que as crianças teriam que realizar em casa.

A equipe de trabalho sempre colocava como proposta, atividades que as famílias poderiam utilizar diferentes brinquedos, diferentes recursos materiais e pudessem readequá-los aos espaços tempos de ensino em casa, podendo confeccionar indumentárias (chapéus, espadas, fitas, fantasias, pinturas no rosto) para tornar a atividade mais atrativa e divertida para os participantes. Para Vigotski (2009), a imaginação caracteriza uma função psíquica superior, e depende da experiência que, na criança, vai se acumulando e aumentando paulatinamente. Assim, a atividade criadora se encontra intimamente relacionada com a riqueza e a

variedade da experiência acumulada pelo homem, no interior das suas interações com o mundo.

Para o autor, a criação é acompanhante natural e permanente do desenvolvimento humano, da infância a idade adulta. Obviamente que esse processo estará intimamente relacionado à cultura na qual o sujeito está inserido, as suas experiências de vida e como a partir daí foi construindo suas relações no/com o mundo que o cerca. Portanto, quando o familiar organiza o ambiente, prepara os figurinos e adereços para uma atividade, a criança pode imaginar e brincar de faz de conta. Assim, a imaginação na infância se manifesta e se desenvolve, possibilitando à criança tornar-se aquilo que não é e permitindo-lhe ultrapassar os limites postos pela realidade. Um espaço de construção de sentidos e de significados no campo da produção dos saberes, bem representado na fala de um dos familiares no grupo de *WhatsApp*:

Meu filho gostou muito da atividade e me surpreendeu, pois, até então, Marcelo não aceitava pintura no rosto e durante a atividade deixou que o pintasse. Fiquei surpresa com a aceitação dele. Agradeço a oportunidade de brincar e se divertir, pois, foi maravilhoso ver a felicidade dele na realização da brincadeira (Diário de campo, 1-10-21).

Para Vigotski (2007) o meio social é fonte de desenvolvimento e, essencialmente, social. Ele oferece os momentos de experiências e aprendizagens resultantes da interação da criança com a cultura, com os adultos e da apropriação dos signos e símbolos. Esta relação se amplia e se modifica num processo de construção e reconstrução do pensar mais elementar ao mais complexo. Assim, quando a criança brinca de faz de conta, imaginando que é um palhaço por exemplo, ela desenvolve alterações nas funções psicológicas superiores, buscando novas formas de pensar e conceber o mundo, bem como operar sobre ele.

Quando Marcelo aparece mais falante no vídeo postado pela mãe Helena, a equipe percebeu grandes avanços em relação a linguagem oral da criança e da compreensão da mãe, que, após as orientações do professor coordenador, entendeu que sempre deveria incentivar o filho a falar, também por meio da brincadeira, perguntando o nome dos personagens, pedindo para a criança cantar a música proposta, dentre outros.

Vigotski (2007) nos faz compreender que o desenvolvimento da linguagem, assim como todas as funções psicológicas superiores, é um processo extremamente pessoal e, ao mesmo tempo, um processo profundamente social. Esta experiência social, cultural e histórica possibilita à criança dominar e apropriar-se dos instrumentos culturais como a linguagem, pensamento, conceitos, ideias, etc. Com isso, ao realizar as atividades elaboradas pela equipe de trabalho, com alegria e entusiasmo relatado pelos familiares, encontramos possibilidades de aprendizados de todos os envolvidos, mesmo em tempo de isolamento social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após o mundo inteiro diminuir ou cessar as atividades laborais a partir de março de 2020 devido a pandemia, com portões fechados e crianças distantes do espaço como escolas, brinquedotecas universitárias, dentre outros, evidenciamos todo o zelo que devemos ter com o ensino e aprendizagem de crianças com e sem autismo. Nesse sentido, a equipe de trabalho do Laefa buscou novas alternativas para atendimento das crianças com e sem autismo. O desafio posto estava em ensinar os familiares a se tornarem brinquedistas, pois, devido o isolamento social, seriam eles os responsáveis por promover a brincadeira em casa.

Nesse sentido, durante o processo de elaboração, planejamento e produção das videoaulas, percebemos que o trabalho em equipe de forma coletiva e colaborativa, trazendo nas reuniões de planejamentos “tempestades de ideias”, reformulando as atividades com a sequência da história anterior contada, sugerindo movimentos que vão ao encontro das peculiaridades de cada criança, foi fundamental para a execução das atividades propostas em videoaulas com as crianças com e sem autismo.

Vale ressaltar que durante a atividade proposta e ao final dela, a equipe de trabalho trazia sempre imagens de personagens infantis, além da sugestão de um videoclipe com os mesmos personagens da história para o momento festivo com as crianças, que acabam por aguçar a curiosidade da criança tornando a atividade mais atrativa e prazerosa.

A ressignificação das videoaulas postados pelos familiares, utilizando materiais alternativos sugerido pela equipe de trabalho, como sacolas ou bolas de

meias no lugar de bolas, ou construindo um cenário mais atrativo como um circo com tendas de lençol, por exemplo, fez com que a equipe de trabalho ficasse cada vez mais motivada a planejar e desenvolver atividades de forma remota, sempre que os familiares retornavam com os vídeos das atividades realizadas com as crianças.

Assim, a equipe de trabalho, ao mesmo tempo em que criou condições para as famílias realizarem a brincadeira em casa, também incentivou os pais a brincarem junto, realizando ações lúdicas para as crianças e com as crianças, participando do processo formativo com os vídeos de orientação dos principais conceitos desencadeados durante o brincar, delineando situações que lhe permitam alargar o repertório de experiências brincantes, desenvolvendo o aprendizado por parte dos familiares para se tornarem brinquedistas. A atenção dada as famílias por meio das videorientações e tutoria, demonstrou a necessidade de continuidade desse trabalho no presencial.

Desse modo, as famílias, com a orientação da equipe de trabalho, atuaram sobre a zona de desenvolvimento imediato da criança, isto é, sobre a distância entre aquilo que a criança conseguia realizar com ajuda e aquilo que já conseguia realizar de forma independente (VIGOTSKI, 2009).

É pertinente considerar que toda essa experiência se materializou na organização de um E-book: *Aprender brincando: caderno de fundamentos e atividades lúdicas inclusivas para crianças de 3 a 6 anos* (CHICON; SÁ; MURACA, 2021), distribuído gratuitamente, como forma de socializar esse trabalho para outros familiares e profissionais da educação especial e educação infantil.

Assim, devemos reconhecer que mesmo diante dos desafios impostos pela pandemia, é possível promover a brincadeira em casa, desde que os adultos que convivem com a criança se tornem os brinquedistas, como foi a proposta do trabalho desenvolvido neste estudo.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fabiana Zanol; CHICON, José Francisco. **Educação física e inclusão: aspectos relacionais da criança com autismo na brincadeira.** Campos dos Goytacazes, RJ : Encontrografia, 2020. (Série Desenvolvimento Humano e Práticas Inclusivas, v. 1).

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº 5, de 28 de abril de 2020.** Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília/DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 23 set. 2020.

CHICON, José Francisco. **Inclusão na educação física escolar:** construindo caminhos. 2005. 484 f. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHICON, José Francisco. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão:** um mergulho no brincar. 2. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2020. (Recurso eletrônico — e-book).

CHICON, José Francisco; SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de; FONTES, Alayanne Silva. Atividades lúdicas no meio aquático: possibilidades para a inclusão. **Movimento**, Porto Alegre, v.19,n. 2, p. 103-1022, abr/jun.2013.

CHICON, José Francisco; SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de; MURACA, Gabriela de Vilhena (org.). **Aprender brincando:** caderno de fundamentos e atividades lúdica inclusivas para crianças de 3 a 6 anos. Campos dos Goytacazes, RJ : Encontrografia, 2021. (Série Desenvolvimento Humano e Práticas Inclusivas).

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo na educação infantil.** 201,188f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedoteca:** um mergulho no brincar. 3. ed. São Paulo: Aquariana, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

OLIVEIRA, Ivone Martins de (org.). **Autismo e inclusão escolar:** percursos, desafios, possibilidades. Curitiba, PR: CRV, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Agência Brasil: classificação do novo Coronavírus como pandemia.** Brasília/DF: OMS, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 03 de out.2020.

SALLES, Flaviane Lopes Siqueira; CHICON, José Francisco. **A mediação pedagógica do professor no brincar da criança com autismo.** Campos dos

Goytacazes, RJ: Encontronografia, 2020. (Série Desenvolvimento humano e práticas inclusivas, v. 2).

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, Lev. Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.